

## **RETORNO PARA O CAMPO: A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA PARA COMERCIALIZAÇÃO NAS FEIRAS LIVRES DE QUIRINÓPOLIS-GO/2016**

### **RETURN TO THE COUNTRYSIDE: FAMILY PEASANT AGRICULTURE FOR COMMERCE IN STREET FAIRS IN QUIRINÓPOLIS -GO/2016**

**MARCELO DE PAULA SANTOS**

Graduado em Geografia pela UEG - Campus de Quirinópolis  
marcelodepaulasantos@hotmail.com.br

**PRISCILA VIEIRA DA SILVA**

Graduanda do Curso de Geografia da UEG - Campus de Quirinópolis  
priscilavdsilva@gmail.com

**EDEVALDO APARECIDO DE SOUZA**

Professor Dr. do Curso de Geografia da UEG - Campus Quirinópolis  
ediueg@gmail.com

**Resumo:** Este artigo é resultado do terceiro e quarto capítulo da pesquisa monográfica “Retorno para o campo: a agricultura familiar para comercialização nas feiras livres da cidade de Quirinópolis-GO em 2016” pela Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus Quirinópolis. O objetivo do trabalho foi mostrar que para produzir com responsabilidade de preservação ambiental e da saúde humana não é necessário ter estudo, basta ter vontade e o foi isso que alguns feirantes mostraram na pesquisa. A metodologia utilizada na pesquisa foi constituída por entrevistas aos feirantes e agricultores familiares camponeses, nas feiras livres ou nas propriedades e documentação fotográfica e as abordagens teóricas foram alicerçadas pelas obras de Wanderley (1996), Altieri, (2002), Marques (2008), Petersen, Soglio e Caporal (2009), Caporal e Costabeber (2004), Souza (2015). O resultado mostrou que mesmo sem entender o que são práticas agroecológicas os agricultores familiares e camponeses de Quirinópolis estão retornando para o campo na condição de produtor de alimentos sem a utilização de agrotóxicos na intenção de comercializá-los nas feiras livres da cidade. Desse modo, conclui-se que os camponeses veem nesta forma de trabalho com a terra sem a utilização de agrotóxicos a potencialidade para o retorno ao campo, possibilitando o retorno às práticas de produção alimentar, alguns inclusive como uma forma de resistência, haja vista tratar-se de uma negação ao método imposto pelo agronegócio, e as feiras livres tornam-se a possibilidade de comercialização de cadeias curtas da produção nas pequenas propriedades camponesas e familiar.

**Palavras-chave:** Práticas agroecológicas. Preservação ambiental. Retorno ao campo. Feiras livres.

**Abstract:** This article is the result of the third and fourth chapter of the monographic research "Return to the field: family farming for commercialization in the free trade fairs of the city of Quirinópolis-GO in 2016" by the State University of Goiás - UEG / Quirinópolis Campus. The objective of the work was to show that to produce with responsibility for environmental preservation and human health it is not necessary to have a study, just have the will and that is what some marketers have shown in the research. The methodology used in the research was constituted by interviews with the farmers 'and farmers' families farmers, in the free fairs or in the properties and photographic documentation and the theoretical approaches were based on works by Wanderley (1996), Altieri, (2002), Marques (2008), Petersen, Soglio and Caporal (2009), Caporal and Costabeber (2004), Souza (2015). The result showed that even without understanding what agroecological practices are, the family farmers and peasants of Quirinópolis are returning to the field as a producer of food without the use of pesticides with the intention of marketing them in the free fairs of the city. Thus, it is concluded that peasants see in this way of

working with the land without the use of pesticides the potential for return to the field, enabling the return to food production practices, some even as a form of resistance, It is a denial of the method imposed by agribusiness, and free trade fairs become the possibility of commercialization of short production chains in small peasant and family farms.

**Keywords:** Agroecological practices. Environmental preservation. Return to the field. Free trade fairs.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de partes do terceiro e quarto capítulos da pesquisa monográfica “Retorno para o campo: a agricultura familiar para comercialização nas feiras livres da cidade de Quirinópolis-GO em 2016” defendida no Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Quirinópolis, cujo objetivo foi mostrar que para produzir com responsabilidade de preservação ambiental e da saúde humana não é necessário ter estudo, basta ter vontade e foi isso que alguns feirantes mostraram nos resultados da pesquisa. Uma contribuição importante veio das discussões teóricas da disciplina Geografia Agrária, no que se refere às práticas socioprodutivas camponesas e aos canais curtos de comercialização.

Um fator importante que os agricultores familiares camponeses trazem consigo ao retornar para o campo são as atividades contrárias ao agronegócio, observando a perversidade e a desigualdade que esse modelo promove no campo como a concentração de terras, a destruição das tradições e estruturas camponesas (casas, currais, cercas, dentre outras) e a degradação do meio ambiente, sobretudo os ambientes hídricos, o solo, a vegetação e os córregos.

A partir das informações coletadas foi possível considerar que o retorno das famílias camponesas ao campo potencializa também as práticas de reestabelecimento do equilíbrio da natureza. Uma destas formas são as práticas agroecológicas que são disponibilizadas aos que trabalham com a terra, no entanto, é necessário (re)aprender esse saber que tem origens camponesas, mas que retornam, na atualidade, com valiosas contribuições científicas. Alguns pequenos produtores de alimentos de Quirinópolis têm buscado esse método de agricultura e comercializados nas feiras livres da cidade.

A metodologia utilizada na pesquisa foi constituída por entrevistas aos feirantes e agricultores familiares camponeses, nas feiras livres ou nas propriedades, documentação fotográfica e as abordagens teóricas foram alicerçadas pelas obras de Wanderley (1996),

Altieri, (2002), Marques (2008), Petersen, Soglio e Caporal (2009), Caporal e Costabeber (2004), Souza (2015).

A primeira parte do artigo contempla as discussões sobre a expulsão dos camponeses de suas propriedades, em décadas passadas, mediante implantação e expansão do agronegócio, que transformou a agricultura tradicional em agricultura química capitalista. A segunda parte trata da volta desse camponês às suas origens, ou seja, ao campo, possibilitando a valiosas contribuições à promoção do bem estar da sociedade e do meio ambiente local, com a produção e comercialização de produtos alimentares mais saudáveis nas feiras livres da cidade.

## **CONTEXTO HISTÓRICO DA IMPLANTAÇÃO DO AGRONEGÓCIO NO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS-GO**

A pesquisa buscou os produtores de alimentos que comercializam nas feiras livres de Quirinópolis, com o objetivo de entender o retorno ao campo de famílias camponesas, que residiam na cidade, como alternativa de recomeço. No entanto, a investigação revelou que estes estão preocupados também com o tipo de alimentos devem ser consumidos pela sua família, bem como a população de Quirinópolis e com a preservação ambiental. Nesse sentido, esses camponeses buscam uma produção de alimentos com o máximo de redução da utilização de agrotóxicos.

Para alguns que hoje se encontra no campo, a causa é o fato das empresas do setor sucroenergético implantadas no município estarem rescindindo contratos trabalhistas de muitas pessoas; para outros o simples fato de não suportar mais viver na cidade. Basicamente esses dois processos deram início ao retorno de algumas dessas famílias, pois a qualidade de vida no campo, para os entrevistados, é bem melhor, menos poluição sonora, menos riscos de violência, dentre outros motivos. Um dos entrevistados disse até mesmo que financeiramente produzir e comercializar na feira tem proporcionado renda maior do que o salário que tinha na empresa sucroalcooleira.

Muitos deles também puderam comparar os alimentos que compravam em supermercados, verduras e frutas, de péssima qualidade, com a sua produção atual. Começam a compreender sua importância para sociedade de produção alimentar com menos utilização

de venenos. A partir desse viés, a discussão nesse artigo perpassa também sobre a necessidade da valorização das práticas agrícolas e socioculturais da agricultura familiar camponesa.

A presença do camponês nesta discussão se dá pelo seu modo de vida. Talvez esse, mais que a terra, seja o patrimônio que tem sido de fato transmitido entre gerações, ou seja, as formas de utilizar a experiência em lidar com as facilidades e dificuldades do dia-dia com sol ou chuva, frio e calor. Por isso Wanderley (1996, p.3), considera que o campesinato tem duas características fundamentais: “a especificidade de seu sistema de produção e a centralidade da constituição do patrimônio familiar”.

Segundo Wanderley (1996, p. 2), a agricultura familiar como conceito é entendida como “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”. Nesse sentido, entende-se que a agricultura camponesa é também familiar, pois, de acordo com Wanderley (1996) não é uma categoria social recente nem a ela corresponde uma categoria analítica nova. É, na verdade, “um conceito genérico, que incorpora uma diversidade de situações específicas e particulares” e “ao campesinato corresponde uma destas formas particulares da agricultura familiar, que se constitui enquanto um modo específico de produzir e de viver em sociedade” (WANDERLEY, 1996, p. 2).

Para Brandão (1995) o campo e o camponês se concretizam pela ligação íntima do homem com a terra formando o ‘modo de vida’ do camponês dentro do espaço geográfico, numa socialização espacial real para o homem do campo.

Quirinópolis, antes da chegada das grandes empresas sucroenergéticas, era conhecido como um município que tinha terras férteis e de boa qualidade propícios a qualquer monocultura com garantias de boas colheitas. No entendimento de Souza (2015, p. 64):

Sob a visão dessa lógica houve um deslocamento da fronteira agrícola em razão da busca por terras férteis e baratas. Foi pela expansão desta que desencadeou a ocupação e povoamento de áreas como o Cerrado, constituindo-se como lugar de conflitos e desencontros. Diante desse fato, a incorporação de novas áreas ao processo produtivo se dá com o choque de grupos com situações sociais, culturais e espaciais diferentes a partir da ocupação de agentes da modernidade, ou mais precisamente, do agronegócio.

O município era conhecido como um dos grandes berços produtores de arroz, feijão, milho, soja e sorgo. Tinha também uma grande produção de bacia leiteira e gado de corte, e a

produção camponesa contribuía, em grande quantidade, para a produção de alimentos para o consumo e para a comercialização local.

Como podemos observar o município de Quirinópolis além das monoculturas de grãos tinha o gado com grande predominância produtiva. Podemos entender que a presença do camponês nesta época era importante, pois parte do trabalho dependia da mão de obra do camponês, bem como de trabalhadores rurais, desde o plantio da semente até a colheita do grão, e na pecuária desde a produção leiteira, cria, recria e a engorda.

As empresas que mais compravam e comercializavam os produtos camponeses eram a Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Vale do Paranaíba (AGROVALE), que adquiriam grãos e o leite, e os frigoríficos que compravam o gado. Entretanto, a partir de 2003/2004 com a chegada de grandes empresas do agronegócio do setor sucroenergético no município e o fechamento dos frigoríficos, o cenário agrário no município passa por mais uma fase de transformação e muitos camponeses ficam sem poder continuar com suas atividades. Estas empresas precisaram de terras para plantar a cana para produzir o álcool e o açúcar e, de acordo com Souza (2015) começam a fazer propostas para os proprietários de terras (grandes, médios e pequenos) e, não tendo alternativas, muitos arrendaram ou venderam suas propriedades.

Muitos camponeses foram incentivados ou forçados a vender ou arrendar suas terras para empresa, haja vista que não tiveram condições de permanecer no local, onde, por muito tempo construíram toda uma história de vida familiar e vizinhança, deixando para trás suas raízes. Desse modo, as pequenas propriedades ainda existentes na atividade tradicional desta região encontram-se ilhadas pelas plantações de cana (SOUZA, 2015, p.70).

A implantação destas empresas no município de Quirinópolis e região se encontram numa posição geográfica estratégica, visto que se posicionam no eixo expansionista prioritário do setor em direção ao centro do Cerrado, haja vista a proximidade com as redes importantes da logística voltada à exportação, como rodovias e portos ou similares. Conforme Santos (2015, p. 90):

A microrregião conta com uma boa logística, visto que a posição geográfica parece ser economicamente estratégica, isto porque se encontra as margens do rio Paranaíba, assim favorecendo a exportação tanto do açúcar como o álcool, via Porto de São Simão (hidrovia Paranaíba-Tietê-Paraná), centro logístico estratégico para a conexão com o Sudeste, de onde parte o etanol para exportação. A logística conta também com a malha rodoviária: BR 153 e 452 e também pelas GO 164, que liga à

BR 452 (Paranaiguara) e GO 206 que liga à BR 384 (Itumbiara, outro grande complexo sucroalcooleiro), além da proximidade do álcoolduto que se dirige de Senador Canedo (GO), em direção leste, rumo á região metropolitana de Goiânia.

Há que lembrar ainda da malha ferroviária, em processo de construção, a Ferrovia Norte-Sul. Com isso o agronegócio vende a ideia de que seu modelo de desenvolvimento é o único meio viável e possível à produção em larga escala condição essa reforçada pela mídia e por pesquisadores que estrategicamente defendem nos resultados de suas pesquisas, esse discurso. A mídia nunca vai mostrar que a proposta do agronegócio em produzir em escala comercial, sobretudo para exportação, é também um modelo devastador ao meio ambiente, e das relações sociais, porque o objetivo único é reprodução ampliada do capital a qualquer custo.

Oliveira (2009), partindo da invalidade da argumentação de que o agronegócio é a solução para o desenvolvimento do país para o aumento da participação no comércio exterior e para a manutenção da riqueza do país, levanta questionamentos acerca da verossimilhança desse discurso que visa criar uma figura de “bom moço” do agronegócio.

Vale ressaltar que com a chegada do agronegócio no município centenas de famílias camponesas foram retirados do campo de forma grosseira ou expulsos, trazendo para o município o desenvolvimento desigual e combinado, pois os camponeses foram retirados de suas propriedades, deixando para trás a sua história de vida no campo empurrando-os para a cidade. Neste sentido, Fonseca (2009, p. 13) afirma que:

A migração interna esteve e sempre estará ligada à busca de sobrevivência de trabalhadores excluídos ao longo da história do Brasil, tendo em vista que o desenvolvimento econômico implica da ampliação das desigualdades sociais, aprofundando as divisões de classes.

Para Santos (2013, p. 172), o espaço contribui para que:

No sistema capitalista, o desenvolvimento das forças produtivas e a expansão da divisão do trabalho sejam paralelos à formação de uma estrutura de classes que separa, de um lado, os proprietários dos bens de produção, e, de outro, os portadores da força de trabalho.

Pensar numa forma de ir contra o agronegócio não é fácil, mas a volta dos camponeses ao campo por intermédio das lutas e os movimentos sociais sem terra tem um forma de negação a esse modelo de agricultura. Segundo Jesus e Vieira (2015, p.4):

O papel do campesinato no campo brasileiro é também pensar no enfrentamento com o agronegócio, as disputas, os conflitos por terra e assim compreender como a organização territorial permitiu um desenvolvimento contraditório e desigual por criar tantas injustiças sociais em detrimento das camadas menos favorecidas.

No entendimento de Marques (2008, p. 58) no espaço agrário brasileiro “enquanto tiver a marca da extrema desigualdade social e a figura do latifúndio se mantiver no centro do poder político e econômico [...] o campesinato permanece como conceito-chave para decifrar os processos sociais e políticos que ocorrem neste espaço e suas contradições”.

Esta desigualdade social é um ponto de partida para entendermos como as famílias camponesas abandonaram suas propriedades para irem morar na cidade de Quirinópolis pela introdução da tecnificação do campo e, sobretudo, pela expansão do agronegócio, representados no final dos anos 1990 pela soja e milho e também pelas grandes fazendas pecuaristas e, no início do século XXI, pela cana-de-açúcar.

O discurso que prevalece no município é de que a expansão do agronegócio é necessária e objetiva convencer a todos de que é o responsável pela totalidade da produção da agropecuária e, desse modo, justifica a saída das famílias camponesas do campo. No entanto, quando se conversa com os camponeses nas feiras livres é nítida a insatisfação deles com a chegada das usinas no município por trazerem vários prejuízos ambientais e sociais, embora também haja o discurso de ter sido benéfico para as pessoas cidade, sobretudo a geração de empregos.

## **O RETORNO DOS CAMPONESES AO CAMPO EM QUIRINÓPOLIS: MOTIVOS E PERSPECTIVAS**

No município de Quirinópolis, até 2010, só existia uma feira livre semanal, a de domingo, mas com reivindicações para mais dias de feiras, por parte dos camponeses e da população da cidade, outras duas foram autorizadas pelo poder público local para que funcionassem durante a semana. Então, foi criada a feira do bairro Municipal em 2010 e a da Praça do Circo no Bairro Pecuária, em 2011.

Estas reivindicações foram um passo importante para que os camponeses voltassem a trabalhar com a terra e produzir alimentos, o que sabem fazer de melhor. A prefeitura se comprometeu em dar todo o respaldo para os camponeses já que não dispõe de uma política

de retorno das famílias para o campo. A volta da família camponesa ao campo possibilita retomar também as práticas tradicionais de cultivo à terra e de reprodução da vida e proteção do meio ambiente.

O desejo de retorno ao campo inicia desde quando os camponeses chegaram à cidade e veem que esta alternativa de vida não era a esperada, pois o seu lugar sempre foi no espaço rural. Enquanto vivem e trabalham na cidade os ex-agricultores vão às feiras livres observar e comprar os produtos que eles mesmos plantavam e consumiam todos os dias na roça em outras épocas e desperta o sentimento de pertencimento.

A partir do ano de 2014 as duas usinas começaram a reduzir o quadro de funcionários, mergulhadas na crise que atravessa o país, que perpassa também pelas crises financeira e desemprego. Assim vários trabalhadores dessas empresas foram obrigados a rescindir contratos trabalhistas e, não tendo outras opções de trabalho, o retorno à produção agrícola foi a única opção. Alugam chácaras ou arrendaram propriedades para recomeçar a vida com produções de hortaliças em pequenas áreas próximas à cidade e comercialização nas feiras livres da cidade.

Ao retomar a produção agrícola no espaço rural essas famílias resgatam também as práticas socioculturais próprias dessas áreas. Na pesquisa sobre os camponeses da região Pedra Lisa, Souza (2015, p. 77) revela que ao permanecer no campo, nas propriedades, na produção camponesa, as práticas socioculturais também permanecem:

Dentre os costumes e tradição das comunidades estão as festas profanas e as práticas da religião, sobretudo as rezas e festas da religião popular, como o terço, a novena e as folias de reis. As festas e rezas também são residuais de tempos pretéritos, sendo não apenas importantes, mas, sobretudo, indispensável à vida, visto fazer parte do cotidiano, do lúdico dessas famílias, passando por varias gerações. Os valores da moral, da ética, da crença, dentre outros, perpassa, sobretudo, pela expressão religiosa, que a partir daí, toda a organização da vida é constituída para a vivência em família e em comunidade. (SOUZA, 2015, p. 77).

Outra possibilidades tem sido o retorno à terra como garantia da autonomia e reprodução familiar, as feiras livres locais de Quirinópolis têm sido espaços aonde são vendidos alimentos produzidos pelos agricultores familiares camponeses e podem ser um potencial para a produção agroecológica ou orgânica. Um benefício deste retorno é a permanência destas famílias camponesas no campo.

Partindo deste ponto de vista um dos ex-funcionários das usinas que, assim como outros, atualmente retornou à produção agrícola e é feirante, apresenta claramente a análise de que nunca deveria ter saído do campo, visto ser esse o espaço e o lugar de trabalho, moradia e aconchego.

O Senhor Gilvan Ferreira da Costa (Figura 1) em entrevista diz que nasceu e viveu na roça a sua infância toda, e começou a frequentar a feira desde pequeno com o seu pai. Quando se tornou jovem resolveu migrar para a cidade se empregando na Usina Boa Vista por oito anos. Mesmo trabalhando na Usina também trabalhava nas feiras às noites e aos domingos, quando seu turno lhe permitia o exercício das duas atividades: “mesmo trabalhando na Usina Boa Vista em diversos turnos eu ajudava minha esposa trabalhar na feira, é a única coisa que sei fazer bem, pois trabalho desde criança”. Devido ao cansaço resolveu se demitir da agroindústria e retornar ao campo para ficar apenas na produção de alimentos e comercializar nas feiras.



Figura 1: Gilvan, ex-funcionário da Usina Boa Vista  
Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Da mesma forma, Ronivon Ramos da Silva (Figura 2) é ex-funcionário da Usina Boa Vista diz que tem sua origem camponesa, também com propriedade na região da Confusão do Rio Preto, denominada “Estância Boa Esperança”. Possui dois anos de experiência de comercialização nas três feiras com uma renda mensal de R\$3.600,00 reais, para três pessoas

que residem na propriedade. No entanto, apenas ele trabalha. Sua fonte de renda advém apenas das feiras livres.



Figura 2: Senhor Ronivon, ex-funcionário da Usina Boa Vista  
Fonte: Arquivo pessoal do autor

O resultado dessa experiência reforça a proposta de soberania alimentar da família e uma fonte de renda suficiente para a reprodução camponesa, contribuindo com a preservação do meio ambiente e para a produção de alimentos mais saudáveis à população da cidade, reduzindo ao máximo a utilização de agrotóxicos.

O pensamento de produzir alimentos sem a utilização de agrotóxico já é uma prática antiga do campesinato. No entanto, a tecnificação e utilização em larga escala de insumos agrícolas e químicos nas lavouras tornou essa tarefa muito difícil, quase impossível.

Na pesquisa realizada, todos os feirantes que participaram do questionário dizem que o processo da produção e comercialização é em conjunto com os demais membros da família, dentro de uma metodologia participativa, estabelecendo relações de experiências coletivas dos saberes dos agricultores. Um fato bem marcante na pesquisa é que muitos sabem como é o manejo de produção agroecológica e orgânica, tendo uma postura de negação ao modelo utilizado pelo agronegócio, mas não sabem definir o conceito, apenas dizem utilizar esterco orgânico e cuidar da terra e da vegetação nativa. Outros falam que utilizam o processo de transição agroecológica e/ou orgânica com mais clareza dos conceitos e técnicas.

Assim sendo, Altieri (2002) define a agroecologia como uma ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos e conservadores dos recursos naturais, apropriados culturalmente, socialmente justos e economicamente viáveis. Caporal e Costabeber (2004), afirmam que a aplicação de princípios agroecológicos e a redução dos impactos sobre o meio ambiente pode contribuir para uma agricultura saudável.

A agricultura orgânica tem suas raízes na agricultura tradicional de cultura milenar que reconhece o solo como organismo vivo e baseia-se em práticas de reciclagem de matéria orgânica e nutrientes. Também na rotação de culturas mantém o controle de pragas, excluindo o uso de fertilizantes, agrotóxicos e outros compostos químicos e utilizando sempre adubos naturais, trabalhando o solo em harmonia com a natureza.

A partir destes conceitos, o agricultor familiar camponês até pensa em produzir de forma agroecológica ou orgânica, mas não se atentou a observar que as produções de hortaliças estão muito próximas às lavouras de cana-de-açúcar, milho, soja ou sorgo em grande escala e com práticas de utilização de grande volume de defensivos contra pragas. As aplicações de herbicidas afetam as lavouras alimentares não apenas com a contaminação direcionada pelos ventos, mas também com a contaminação de solos e dos ambientes hídricos transportados pelas águas pluviais que lavam o solo pelo escoamento superficial e subsuperficial, direcionando os contaminantes para os cursos d'água, as nascentes e o lençol freático.

Desse modo, pelas discussões teóricas sobre agroecologia e agricultura orgânica no município de Quirinópolis é difícil falar na possibilidade dos camponeses produzirem com estes conceitos apresentados, mesmo diante da preocupação em produzir sem a utilização de agrotóxicos, haja vista que os canais no entorno das propriedades produzem fatores negativos a estas atividades.

Contudo, há que defender a possibilidade da implantação dos processos agroecológicos, amenizando o índice de contaminantes, em um processo denominado de transição agroecológica, ou seja, é importante afirmar que, mesmo os produtos não estando totalmente livres de insumos químicos, o processo agroecológico pode ser implantado como fase de transição agroecológica. Uma questão é o produto, outra é o processo.

Os agricultores que afirmam trabalhar com o método agroecológico ou orgânico terão uma postura de negação ao agronegócio, de indeferimento à utilização dos produtos químicos

derivados das grandes corporações transnacionais, e uma postura de consciência de que os pequenos agricultores precisam ter produção de alimentos e que estes sejam os mais saudáveis possíveis.

Nesse sentido, é louvável o esforço desses agricultores camponeses em oferecer à sociedade local produtos de melhor qualidade. Para a comunidade quirinopolina, rural e urbana, os alimentos produzidos pelo processo de transição agroecológica e/ou orgânica são mais saudáveis do que aqueles ainda cultivados na forma convencional que, além da contaminação generalizada pelo agronegócio ainda recebe uma carga as vezes excessivas de venenos no processo da produção dos alimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A chegada das grandes agroindústrias no município de Quirinópolis-GO com a atividade canavieira para produção de etanol e açúcar, as Usinas Boa Vista e a São Francisco, reforçando o modelo de grandes lavouras já implantadas por outras atividades como a soja e o milho, impôs ao campo quirinopolino uma única forma de produzir, em larga escala e com utilização de agrotóxico, também em larga escala. Desse modo pode-se dizer que essas agroindústrias podem até ter trazidos benefícios, sobretudo para quem mora na cidade, mas para os camponeses os impactos maléficos foram muito grandes, sendo o maior deles o fato de terem sido forçados a sair das suas propriedades, por conta das mais variadas formas de pressão.

Mesmo perdendo suas propriedades e modos de vida os camponeses nunca deixaram de ter o desejo do retorno ao campo, e quando vão à feira o sentimento de pertencimento bate forte. Quando as empresas desempregam as pessoas na cidade os camponeses voltam para o campo e a feira da cidade se torna uma possibilidade para se comercializar toda a produção plantada e uma potencialidade para a permanência no campo. Assim, as feiras livres de Quirinópolis são ponto de referência para a obtenção da renda familiar para a produção alimentar em pequena escala e também como alternativa de produção de alimentos sem agrotóxicos, frescos e de boa qualidade.

Os agricultores familiares camponeses estão obtendo também outra forma de trabalho com a terra sem a utilização de agrotóxicos, possibilitando o retorno às práticas de produção alimentar, alguns inclusive como uma forma de resistência, haja vista tratar-se de uma

negação ao modelo de produção imposto pelo agronegócio, e as feiras livres tornam-se possibilidade e potencialidade de comercialização de cadeias curtas da produção das pequenas propriedades camponesas e familiar.

Nas entrevistas como os feirantes, ficou evidente que a inserção nas feiras livres de Quirinópolis configura-se como uma importante forma deste recomeço. Este retorno é precedido de expectativas de mudança de vida e pela oportunidade do trabalho familiar. Na feira, existe a certeza da venda da produção e obtenção de renda, portanto, a reocupação de espaços e a reconquista da dignidade outrora perdida.

Enfim, o resultado mostrou que mesmo com a introdução do agronegócio no município de Quirinópolis o camponês nunca deixou de ser camponês, houve o processo de perda a terra, da propriedade, do espaço rural, mas no seu imaginário permaneceu camponês. Essa memória o possibilitou voltar ao campo na condição de agricultores familiares camponeses, para produzir alimentos, alguns com o método agroecológico/orgânico, mesmo que ainda não tenham conhecimento suficiente sobre os métodos, mas o processo de eliminação de agrotóxicos já se iniciou, visto que a preocupação não é apenas produzir alimentos, mas disponibilizá-los da forma mais saudável possível e contribuir para a preservação do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002.

BRANDÃO, C. R. **Do Sertão à cidade**: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional in: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Orgs.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: EdUFRGS, 1995.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

FONSECA, G. S. **Espacialidade das migrações temporárias de mirabelenses: implicações na territorialidade local**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

JESUS, J. N.; VIEIRA, T. M. Campesinato e modernização da agricultura: avanços e contradições no limiar do século XXI. **Revista Mirante**, Anápolis, v. 8, n. 2, p. 01-10, set. 2015.

MARQUES, M. I. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 11, n. 12, p. 57-67, jan./jun. 2008.

OLIVEIRA, A. M. S. **Reordenamento territorial e produtivo do agronegócio canavieiro para o trabalho**. 2009. 615 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2009.

PETERSEN, P.; SOGLIO, F. K.; CAPORAL F. R. A construção de uma ciência a serviço do campesinato. In: PETERSEN, P. (Org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 85-103.

SANTOS, M. **O espaço da cidadania e outras reflexões: o pensamento político brasileiro**. Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2013.

SANTOS, V. M. As bases da consolidação de uma nova centralidade econômica: o etanol do cerrado e o complexo agroenergetico da microrregião de Quirinópolis. In: JESUS, J. N.; SANTOS, G. C. (Org.). **Geografia e sujeitos do Cerrado: análises e reflexões**. Goiânia: Kelps, 2015. p. 85-110.

SOUZA, E. A. As dimensões socioculturais das paisagens e territorialidades cerradeiras em Quirinópolis/GO. In: JESUS, J. N.; SANTOS, G. C. (Org.). **Geografia e sujeitos do Cerrado: análises e reflexões**. Goiânia: Kelps, 2015. p. 59-84.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: Encontro Anual da ANPOCS, XX, Caxambu, 1996. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 1996, p. 02-18.